

Ilustração Portuguesa

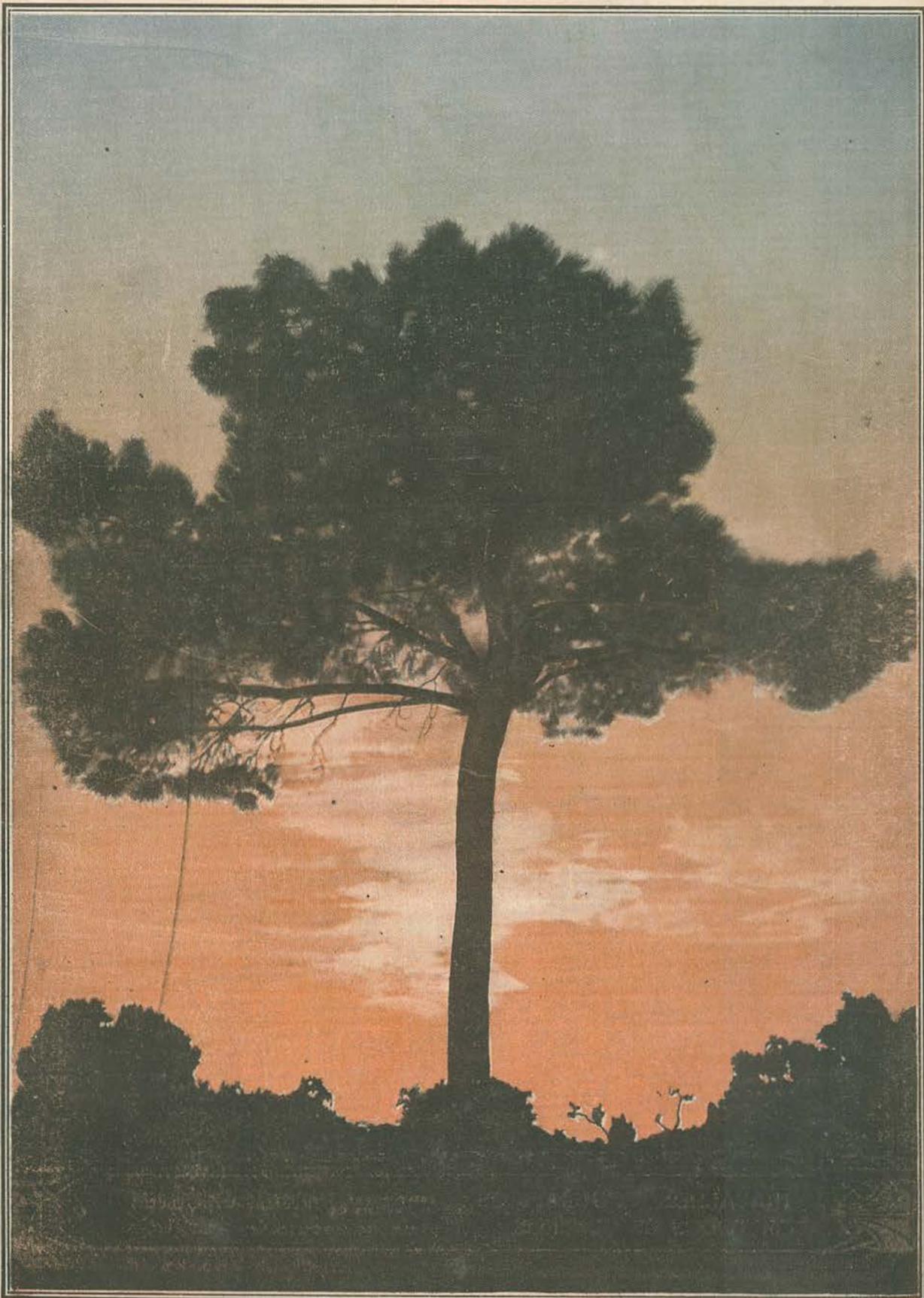


ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redação, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 43—LISBOA

Numero avulso. 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHÁ: Trimestre 13\$00, Semest. 26\$00.
Ano 52\$00—COLÓNIA PORTUGUESA:
Semestre 28\$50, Ano 57\$00.—ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00, Ano 72\$00.

DENTIFRICOS
DOS RR PP

BÉNÉDICTINS

DE SOULAC

ELIXIR. **PASTA**
EM CAIXA E EM BARRIGA

PÓ **SABÃO** **PASTA-SABÃO**
EM CAIXA E EM BARRIGA

REELLEMENT FRANÇAIS

PÓ
PASTA ou PASTA-SABÃO

SABÃO
CAIXA ALUMINIUM

A venda em todas as farmacias e casas de pertumaria.
Representante e depositario para Portugal:

A. VINCENT, Rua Ivens, 56, 2.º, Lisboa—Tel. Cen.: 1858

AGUA CREME E PÓ D'ARROZ

Rainha da Hungria

PARA a Beleza da pele, dando-lhe um avelulavel e frescura
imcomparavel. As senhoras que o usam tem uma pele ideal.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Avenida, 23. Lisboa - Telef. 3641 - N.

Respostas mediante estampilha. Na provincia de Moçambique
quem pretender os productos de Madame Campos, dirigir-se ha
«A PORTUGUEZA» de Santos Rufino Limitada, Lourenço Mar-
ques.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas
officinas da «ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA»
Rua do Seculo, 43 - LISBOA



TODOS OS "SPORTS"

DEPOIS do exito obtido pela brilhante conferencia do illustre official do Exercito, capitão da Escola de tiro de infantaria, sr. Fernando Diniz de Alala, sobre o desenvolvimento fisico nosso do povo, achamos interessante transportar para aqui algumas passagens duma conversa que com aquele entusiastico propagandista da educação fisica tivemos em casa dum nosso amigo.

O capitão Alala, depois de nos apresentar, duma maneira geral, os principaes tópicos da conferencia que realizou na sala do Gymnasio Club Portuguez, pormenorizou. Segundo a sua opinião, o pouco que se tem feito pelo ressurgimento fisico da nossa patria tem sido mal orientado, sendo assim que nas sociedades desportivas se tem trabalhado mas sem critério; nas escolas primárias, onde deve ser começada aquela educação, nem se pensa nisso.

—E' indispensavel, disse-nos, que o professor primário cumpra inteiramente o seu papel de pedagogo, propagandista e higienista, porque não é aos dezoito anos que se corrigem defeitos fisicos num individuo e um bom cerebro sem um corpo que o sustente não vale nada. Sobre as instalações escolares é o que todos nós sabemos, em quartos e quintos andares, e na provincia até por cima de cavalarias! Como pode haver hygiene? Como se pode, assim, obter individuos saos? Poderão observar-me, continuou o capitão Alala, que em algumas escolas primárias se ensina gymnastica aos alunos, e a esses pergunto eu como querem que sejam obtidos bons resultados com uma gymnastica feita *ad hoc* por pessoas sem fé nos proprios exercicios que ensinam e sobre tudo sem lhe conhecerem os fins, uma gymnastica feita em classe como se todas as creanças tivessem as mesmas constituições fisicas e fisiológicas. Tem-se falado numa escola de educação fisica, mas, por enquanto, pouco ha feito e ha a lutar com a relutancia que os professores manifestam em a frequentar. E' provavel que os futuros professores se deixem de velharias descabidas, e é para esses que eu falo, pois que é das gerações de amanhã que é preciso tratar.

Falando dos nossos clubs de sport fez a comparação com o que se passa no estrangeiro. O terrivel entusiasmo pelo sport, que existe entre nós, pondo de parte a educação fisica, só se explica pelo nosso espirito combativo de meridionaes. Um official francez me disse, um dia: vocês, os portuguezes, praticam um sport com os nervos, ao passo que os povos do norte o fazem com os musculos. Depois, aliada a tudo isto, a falta de cuidado dos dirigentes das nossas agremiações desportivas, que facilitam a pratica de qualquer sport a todo o socio, tenha ele ou não condições para o fazer, chegando a obter-se resultados desastrosos. E' assim que alguns rapazes se arruinam, alcan-

çando tuberculoses, casos que como todos nós sabemos muito influem para o descrédito da propaganda desportiva. Na minha visita á Escola de Joinville Le Pont, tive occasião de assistir a inspecções medicas feitas a individuos que se queriam dedicar ao atletismo. Essas inspecções, feitas por medicos, são pormenorissimas, pois numa primeira parte são verificadas as condições fisicas do individuo, tiradas medidas e realizadas provas de força, agilidade e resistencia. Num segunda sessão, os concorrentes são submetidos a um demorado exame fisiológico sendo observada a curva cardiografica antes e depois da pratica de varios exercicios, o mesmo sucedendo para o estado pulmonar, afim de se poder avaliar se houve beneficio ou prejuizo; sem que estes resultados sejam satisfatorios nenhum dos concorrentes pode praticar o determinado ramo de sport a que pretendia dedicar-se. Em muitas destas inspecções recorre-se a analyses de sangue e a observações ainda mais rigorosas.

O capitão Alala falou-nos, ainda, dos seus planos, magnificos na verdade e que postos em pratica muito farão pelo completo exito da causa desportiva.

—No Campo de Palmavá, realizou-se no passado domingo o desafio de primeiras categorias entre o Sporting Club de Portugal e o Imperio Lisboa Club, do campeonato de Lisboa.

O resultado do match foi a victoria do Sporting por 2 bolas a 1. No final da primeira parte estava este grupo ganhando por 1 goal a 0, goal que foi metido por Emilio Ramos. Ainda foi este jogador que obteve a segunda bola a favor do Sporting.

O Imperio jogou bem, prometendo grandes surpresas de futuro, pois como se tem visto tem trabalhado e trabalhado a valer.

—A seguir ao desafio Imperio-Sporting, jogaram as primeiras categorias do Club de Foot-Ball dos Belenenses e do Sport Lisboa Bemfica.

Os Belenenses dominaram durante todo o desafio jogando com combinacão e rapidez, conseguindo bater os vermelhos por 4 bolas a 1. O jogo decorreu sem incidente, com bastante lealdade.

A linha dos Belenenses jogou bem, tendo-se salientado Alberto Rio. Os homens do Sport Lisboa e Bemfica não estiveram num dos seus dias felizes, tendo no entanto jogado bem Francisco Vieira, que teve boas defezas, e Victor Gonçalves.

—No match do Hockey Club de Portugal que no passado domingo se realizou, as linhas foram assim constituídas: Grupo A. Alberto Afonso, Dião de Sousa, Renato Matos, M. Sá, Santos, Silvio Silva, A. Ferreira, Rombert e J. Silva. Grupo B. Teiveira, F. Valente, J. Gonçalves, Pereira, C. Cabral, M. Valente, Costa, Araujo, Lopes, D. Cabral e José Gonçalves. O resultado foi a victoria do Grupo A.



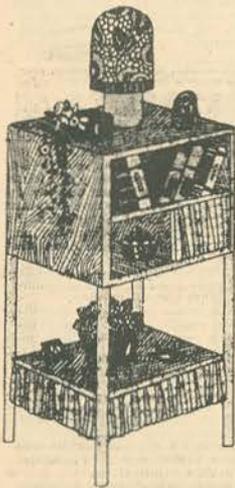
Capitão de infantaria Diniz de Alala



CONSELHOS PRATICOS

UMA ORIGINAL MESA DE COSTURA

NADA de complicado como se vê. Um caixotinho pequeno, dividido ao meio por uma prateleira. Livros ou rendas à escolha para lá colocar. Colocado esse caixote sobre quatro prumos, que uma taboa lisa, procede-se ao trabalho de forrar todo o móvel assim formado com uma chita clara, preferindo-se de ramagem e de cores em que predominem o vermelho e o branco, o azul, o amarelo torrado ou o violeta. A taboa, que em baixo faz de prateleira, pode ser substituída por um saco, para pôr as lãs ou a costura, correndo em volta, a fazer a segurança do móvel, quatro pequenas ripas que o saco debrua. No tempo o candieiro ou um objecto de cerâmica, uma jarra com flores, por exemplo, e nas divisorias o que se queira. As agulhas e o romance da nossa paixão. As prateleiras podem, querendo-se, ser fechadas por uma cortina da mesma fazenda. É simplesmente uma questão de gosto.



O LENÇO

Tal é o desejo de novidades, que de todos se apossa, que acabamos até por modificar o emprego natural dos objectos que nos rodeiam. Daí a nossa audacia muitas vezes feliz.

O aparador, familiar de tantos anos, é promovido, dum dia para o outro, a estante de livros ou ainda a biblioteka moderna. O challe de cachemira bordado, herança de nossos avós, transformou-se, irrespeitosamente, em roupão e até em saída de baile!

Quanto aos móveis antigos, essas memoráveis testemunhas dos seculos passados... nem é bom falar! Hoje, sem duvida, já com a imaginação esgotada, dirigimo-nos a esse personagem de segundo plano: o lenço...

Hontem comparsa, hoje importante e quasi dissondo da sua função essencial. O lenço, outrora companheiro de alegrias e tristezas, agora não enxuga mais as lagrimas, não assoa mais!

O lenço que se respeita, quer dizer o quadrado multicolor, com desenhos complicados e incertos; o quadrado de seda indiana de audaciosas reminiscencias orientaes,

O LAR

o ex-fichu de chita usa-se agora enrolado na volta do chapéu de feltro, formando o chapéu proprio para os passeios de manhã, de automovel ou viagem; sendo igualmente elegante para acompanhar um «tailleur», um vestido simples ou um casaco simples de abafio.

Dobrado em triangulo guarnece as cabeças das jogadoras de tenis, enrola-se em volta do pescoco nos

dias frescos, põe-se em «écharpe» na abertura do «tailleur». Dois lenços eguaes, amarrados ou cosidos nos hombros, farão a mais linda blusa do mundo. Sendo, o lenço novo estilo, ainda muitas vezes um recurso para os decotes muito grandes.

Em casa, o lenço, encontra-se servindo de «abat-jour» uma lampada; a elegante, faz dele uma bolsa; a caprichosa, uma almofada; a pratica, um avental ou um saco de trabalho.

E agora perguntarão com que se faz face ás miserias de uma crise. Também com o lenço, que nos continuará a receber as lagrimas e os sorrisos...

CONSELHOS PRATICOS DA HORTA, DA CAPOEIRA E DO JARDIM MANEIRA DE CUIDAR DAS GALINHAS

Para se obter uma produção regular e abundante de ovos é preciso alimentar e alojar as galinhas de uma maneira bem diferente do que se faz geralmente. As capoeiras são quasi sempre mal construidas, mal orientadas e mal cuidadas. E' sempre o lugar mais mal situado do quintal, o designado para a capoeira.

Ora uma capoeira deve ser situada de forma que os raios solares lhe sejam familiares, pois que eles tem uma grande influencia sobre a postura.

E' por essa razão que as «capoeiras-higienicas» que lá fora se empregam para a criação e aperfeiçoamento de raças, são «chais» de madeira de elegante e higienica construção e que assentam sobre rodas, de forma a poderem facilmente ser transportadas de um lado para o outro, á procura dos raios de sol no inverno. A capoeira deve ser sempre muito bem resguardada das chuvas, porque nada é mais nocivo para as galinhas que a humidade e o frio nas patas.

O chão da capoeira deve ser de terra batida e não de cimento; coberto de uma camada de areia fina, para permitir ás galinhas espojarem-se, e de pedrinhas indispensaveis á sua digestão. Todos nós conhecemos a avidez com que as galinhas procuram as pedras pequenas, que dentro do papo operam o esmagamento dos alimentos mais duros.

CALENDRARIO DA SEMANA

Janeiro—31 dias

- 28 — Domingo — S. Cirilo.
- 29 — Segunda-feira — S. Francisco de Sales.
- 30 — Terça-feira — S. Felix.
- 31 — Quarta-feira — S. Pedro Nolasco.

Fevereiro—28 dias

- 1 — Quinta-feira — S. Inacio.
- 2 — Sexta-feira — Purificação de N. Sr.
- 3 — Sabado — S. Anatolio.



IDEIAS UTEIS

O papo de uma galinha, pesando dois quilos a dois quillos e meio, contém pouco mais ou menos, durante todo o dia, uma quantidade de pedrinhas que varia de dezasete a vinte grammas. Em cada defecação, um decimo desta quantidade é expulso e logo substituido. O milho e todos os grãos, como trigo, aveia, etc., são o melhor alimento para elas. A comida cozida não é nociva se houver o cuidado de limpeza necessario, para que elas não comam comida já deteriorada.

Em resumo, para se ter um bom rendimento de ovos deve haver muita hygiene nas capoeiras e uma boa alimentação para as galinhas.

Quando as galinhas não põem, pica-se urtigas que tenham semente, de maneira a ficarem em pedacinhos muito miudinhos e mistura-se-lhes na comida. O resultado é excelente. As cascas de banana são tambem uma excelente alimentação para as galinhas.

OS NOSSOS AMADOS MOVEIS UMA CURIOSA E ECONOMICA SECRETARIA

Parece á primeira vista um móvel ostentoso e caro e, todavia, é o mais vulgar dos móveis, no que respeita á sua confecção. Participa de secretaria americana, de

«stagères» e de estantes e, se lhe adaptarem ferragens apropriadas, que podem ser de ferro estanhado ou de latão brilhante, tanto poderá estar num escritorio luxuoso, como numa casa de jantar, ou mesmo, com o seu ar indeciso de buffet ou de santuario, num quarto de cama. Duas taboas ao alto talhadas simplesmente, tres outras formadas e uma em cima, um pouco maior, servindo de topo. Uma taboa, fechando a por de brado, que se aguentada por um topo que roda num parafuso, e está feito o mais geral. A parte de dentro é facil, trabalho de agado de furação a uniformisar tudo e o móvel apparece ostentoso e caro, não tendo todavia custado mais do que alguns escudos — a decima parte do que lhe custaria comprado num desses armazens, que não possuído a sciencia de fazer móveis, tem todavia a outra de os vender...



CREME REFRIGERANTE PARA A PELE

Cera branca.....	20 grammas
Manteiga de cacau.....	20 "
Oleo de amendoas doces	80 "
Essencia de rosas	8 gotas
Agua de flor de laranja	8 grammas
Glicerina.....	8 "

Este creme amacia e assetta a pele.

Menús da semana

Domingo

Almoço
Sar a cozida com batatas
Macarões italiana com presunto de Chaves
Café com leite

Jantar
Sopa de peixe
Empadão de peixe
Pato com arroz tostado no forno
Creme de leite

Segunda-feira

Almoço
Eiros grelhada com pure de batata
Presunto na frigideira com ovos
Café com leite

Almoço
Arroz de ameijoas
Bife á cortador com batatas fritas
Café com leite

Jantar

Sopa de couves
Pastéis de bacalhau
Linguado com molho d'ostras no forno
Pudim de chocolate

Jantar
Sopa de camarão
Fritos de batata com legumes
Carneiro assado com agriões e rabanetes
Pudim de marmelada

Terça-feira

Almoço
Filletes de pescada com pure de batata
Lingua de friccassé com couve-flor
Café com leite

Almoço
Mex lido de caldeirada
Omelete á jardineira
Café com leite

Jantar

Sopa de legumes
Peito de vitela com cenoura, nabos e batatas
Pombos fritos com salada de a face
Doce de pinhas

Jantar
Sopa de pure de feijão com pão torrado
Almôndegas de carne
Coelho grelhado á caçadora com salada de chicória
Pudim de arroz

Quarta-feira

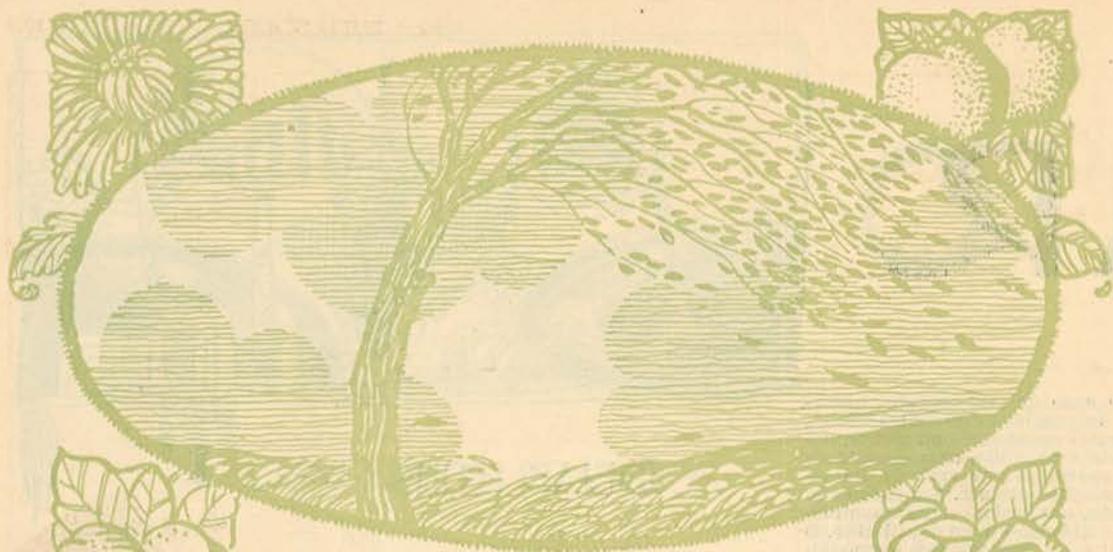
Almoço
Carne grelhada com cenouras, nabos e batatas
Pescadinhas fritas com salada
Café com leite

Sabado
Almoço
Salsichas com couve lombarda
Savel frito com salada de aiface
Café com leite

Jantar

Caldo verde
Tainha frita com batatas fritas
Frango assado com salada de chicória
Torta de ameixas

Jantar
Sopa de pão
Cabeça de porco com grelos de nabo
Peixe frito e batatas fritas
Pudim de ovos



GOIABAS

Dezembro. Meio-Dia. O Sol flameja.
Nas goiabeiras poisa o sabiá.
E á viva luz do sol—bemdita seja!
—Fecham-se os olhos pretos de *Sinhá*.

Inteligente irmã das rolas mansas,
Seio moreno... e farto, aza disforme,
Como dormem as aves e as crianças
Na rede de pelugem—*Sinhá* dorme.

Pelos fraguêdos, boqueirões abruptos,
Aguas espertas formam cachoeiras.
—Cantam a gloria matinal dos frutos
(Coroados de antemão) das goiabeiras.

Sinhá descança. E vigilante escravo,
Tupi que a elegeu para fetiche,
Vê descerrar-se a sua boca—um cravo...
Fecham-se mais os olhos de azeviche.

O sabiá pipia. Pelas abas
Da goiabeira ha fremitos... Senhor,
—Bendito seja o sol para as goiabas!
—Bendito seja o sol para o amor!

Mezêna fugitiva as aguas corta.
Alma em febre, apaixonou-se o *tupi*...
E murmura (Se o ouvem, que lhe importa?)
«Como eu te amo! Como eu te amo a ti!»

«Anthésés», sob a luz. Folhas opostas
Fendem o azul benigno da Paizagem.
—O goiabeira doce das encostas,
Hôtel-Dieu dos passaros em viagem!

«Amor, meu coração é o teu escravo...»
Que silencio! Calou-se o sabiá.
—Humedecida, abre-se a boca, um cravo,
—Fecham-se mais os olhos de *Sinhá*...

(Do livro *Frutos*).

JAIME DA CAMARA

NABOS EM SACO

por BERNARDO MARQUES



— Decididamente não ha mulheres feias... de inverno...

TROVADOR

Tow-step

C. W. Powel

Tempo de marcha

PIANO

mf

p

ff

1º 2º

p

pp

p

ff

ff

Fim

AL C.

O PREÇO DA FELICIDADE



notícia do casamento de Miguel de Castro Vasconcelos, ao tempo ministro da marinha, com a Rosinha de Albuquerque, dá imenso que falar. Depois do que se tinha passado, aquilo era mesmo um escândalo, na verdade. Não admirava, portanto, que a linda basilica da Estrela regorgitasse de espectadores, n'esse dia admirável de primavera em que ia ser abençoada a união d'aqueles dois entes tão discutidos e que pareciam tão alheios



a tudo o que os rodeava, certamente por cínico desprezo da opinião do mundo.

Apenas os parentes e amigos mais íntimos tinham sido convidados, mas na igreja acotevelava-se uma multidão elegante falando baixinho, trocando sorrisos e olhares, discutindo, criticando.

Fôra, no adro, os comentaristas faziam-se em voz alta, cruzando-se no ar as perguntas e as respostas n'um esfuslar de ironias, tanto mais incisivas quanto era certo que todas se inspiravam n'essa pontilha de despeito, de inveja ou crueldade que, em geral, traz á superfície das almas a vista de felicidades que se não possuem, que nunca provavelmente se possuirão...

E aquele par era sem dúvida nenhuma privilegiado, fisicamente, moralmente, socialmente. Tinha tudo: juventude, beleza, qualidades de inteligência e de caracter, fortunas importantes e antigas, nomes illustres e situações de destaque.

Haver encontrado, a quem, com verdade, ninguém jámalis tivera razão de censurar, um motivo de crítica tão bem fundado, era para toda aquela gente evidente festa, surpreendente, original.

Pois quis é decorrido á justa o tempo de luto e depois da triste sorte que tivera a esposa, que o impostor tanto parecêra prantejar, atrevia-se aquele homem a casar novamente? E com quem! Com a noiva da outra desgraçada vítima do desastre! Oh! essa, então, que descarada! Que alma seca *aquilo* provava agora ter, hein! Queira entrar para um convento...

Como a *santinha* enganára o mundo!

Já é repelente que um homem esqueça assim as conveniências, mas a mulher que desce a tal ponto da sua dignidade íntima está fóra de toda a consideração. Uma sôsa, é que ela sempre tinha sido!

—Desconfiar das pessoas com muito boa fama; cedo ou tarde pregam á gente surpresas que deixa um pobre calunhado, como eu me preso de ser, literalmente *épaté*—dizia certo rapaz da moda, dirigindo-se á mãe da menina que estava namorando e cujo pae lhe fazia grande guerra porque, na verdade, a reputação de que gosava não era das mais brilhantes. Mas como foi aquilo do automovel? eu estava em Paris e não sei bem...

—Não sabe!—acudiu a menina—A mulher do Miguel de Vasconcelos e o noivo da Rosa Albuquerque iam de automovel para o Estoril, ou para Cascaes, não me lembra, quando na altura ali de Cae Agua, parece-me—o *chauffeur* fartou-se de contar onde se deu o caso—o carro se virou... não, creio que se despenhou por uma ribanceira... com tanta infelicidade que os dois foram arremessados a grande distancia—ó, mamã, foi assim ou ficaram debaixo das rodas?—morrendo logo.

—Vejo com reverente admiração que você não sabe muito mais do que eu!

—E eu vejo com uma embriração imensa que você não perde a mania de ser insuportável!...

Todos desataram a rir.

—Mas iam os dois sósinhos?

O Vasconcelos não ia ou escapou? perguntou de novo o rapaz.

A mãe da menina declarou:

—Tambem a principio isso me deu que pensar, mas o *chauffeur* quando foi interrogado no hospital...—porque o homenzinho ficou muito contuso...—disse que a

senhora encontrára por acaso o Alberto—pobre rapaz!

—á porta da Garrett, onde fóra buscar umas encomendas, e que ele se mostrára muito desolado por ter perdido o comboio de Cascaes. No dia seguinte tinha de partir com o ministro—sabe, para aquela trapalhada da conferencia de Londres—e quasi não sabia como se havia de ir despedir da mãe. Ora, a Laura dirigia-se justamente para lá e até com o mesmo fim, porque, tencionando acompanhar o marido, não queria ir-se embora sem vêr a mãe do Alberto, de quem era *imenso* amiga. Ofereceu-se para o levar. Ele, é claro, aceitou. Tudo quanto ha de mais natural.

—Seria fortuito o encontro?

Não faltava quem falasse da Laura com o secretario do marido...

—O sr. não se faça éco de semelhante asneira, agora, de mais a mais, que está vendo a pouca vergonha com que estas duas desprezíveis creaturas esqueceram uma desgraça de que toda a gente conserva ainda tão triste memoria!

—Realmente é u na boa razão para fazer calar as más linguas...

—Esta *união* representa no fundo um negocio de mão cheia...

—E se se haviam de sujar duas casas...

—E eles quizeram o casamento á capucha. Devem estar desesperados.

N'esse momento saiam os noivos da igreja dando o braço um ao outro e seguidos do pequeno séquito, tão isolados em si proprios que admissivel seria supôr não terem visto ninguém. Havia na attitude de ambos uma como que velada melancolia que os impunha imperiosamente ao interesse e ao respeito. Era a sombra indelevel que fica para sempre nos entes que uma grande rajada de desgraça marcou. As conversas cessaram e no fundo das consciencias dos que haviam falado começou a esboçar-se um vago remorso segredando:

—Afinal, que é que se sabe da historia d'este casamento?

E quando, ao entrarem na carruagem, o noivo deu a mão á noiva para a ajudar a subir e o olhar de ambos se encontrou n'um lampejo de extrema ternura, tão radiosa luz brotou d'aquelle tocar de duas almas, incontestavelmente irmãs, que o sentir dos curiosos que se encontravam mais perto se illuminou n'uma irreprimivel simpatia, imensa, compassiva e doce.

As flores do Jardim, defronte, lançaram atravez das grades os perfumes dos dias de festa, os passarinhos vieram cantar nas arvores mais proximas da igreja os seus cantos de amor, o cortejo afastou-se banhado de sol d'aquelle dia maravilhoso e toda a gente dispersou conscia afinal de que fizera talvez uma má acção de que se penitenciava... no silencio.

A dôr de Rosa e de Miguel fóra verdadeiramente tragica. Nem ela nem ele podiam compreender uma tão grande crueldade do Destino. Se a creaturas que nunca tinham felto mal se infligiam tormentos assim, que horrores estariam reservados para os grandes criminosos deste mundo? Tão eloquente fóra o desespero de ambos, naqueles primeiros dias quasi de demencia que se haviam seguido á catastrophe, que as pessoas que os acompanhavam, parentes e amigos, tiveram desde logo a impressão de que essas duas existencias, tão promettedoras e brilhantes, nunca mais se ergueriam do seu sono desfeito, a tentarem de novo o vôo no espaço infinito.

A impetuosidade de irromper de vaga da dôr imensa que os atingira foi por fim acalmado, mas os dois tinham ficado para sempre marcados. Como poderia Miguel orientar-se agora na vida, sem a sua mulher tão linda, tão nova, tão boa, arrebatada dos seus bra-

ços por uma sorte tão negra? Como havia de ser a existência de Rosa, viúva de um tão grande amor, sempre lembrando o homem que revestia de todas as qualidades raras arrancadas ao Príncipe Encantado dos seus sonhos de adolescente? Três mezes decorridos após o desastre, Miguel de Vasconcelos encarava já o suicídio como o único fim possível ao seu mal sem cura, e Rosa resolvia, com grande magua dos paes, entrar para um convento em Espanha.

Certo dia em que, no isolamento do seu gabinete onde se fechára, Miguel sentia, sem saber porquê, a sua dor excorbar-se, tumultuosa e terrível, foram dizer-lhe que a Rosinha Albuquerque o procurava insistindo muito para lhe falar. Ele dissera que não recebia ninguém, mas o nome da rapariga, pronunciado com respeito pelo novo secretário, de tal modo o encheu de piedade que recaia sobre a sua própria desgraça—que imediatamente a difícil ordem de introdução foi dada.

Momentos depois entrava Rosa, toda de preto, emagrecida, macerada, mas linda, nimbada de uma tristeza calma que lhe dava um ar sobrenatural de anjo a quem Deus tivesse permitido curta passagem pela terra.

Miguel levantou-se para a receber, de mãos estendidas, num irresistível impulso. As mãos d'ela também se adelantaram, piedosas. Tornavam a ver-se os dois pela primeira vez, e, reparando um e outro nos estragos produzido em ambos pela dor tão semelhante porque tinham passado, dos olhos d'aquelles dois entes, tão injustamente torturados, brotaram lagrimas convulsas que durante minutos os sufocaram.

Foi Rosa quem primeiro venceu aquella crise de comoção que nem um nem outro tinha podido evitar. Sentando-se junto da secretária, balbuciou com voz entrecortada:

—Parto por estes dias e vim para lhe entregar...—a ninguém os confitaria...—os papéis... que tinha guardados... que de... Com tanto orgulho da sua estima m'os entregou!... Com tão grande desvanecimento os acellei!... Pertencem-lhe... aqui estão.

Aquella ausencia, que aliás seria de curta duração, deralhe mesmo—infeliz!...—uma certa alegria íntima porque lhe fornecera mais uma prova de quanto era amada e a confiança que nela depositava Alberto. Em que enlevo notára a contida mas profunda comoção do noivo ao dirigi-lhe as palavras que mal supunham os dois de verem ser as derradeiras.

E Rosa reconstruía no pensamento a scena de despedida entre ela e o noivo. Fôra sem apreensão nenhuma de desgraça que os dois se tinham dito adeus no proprio dia do desastre.

—Meu amor, adeus... Será pequena de dias esta ausencia, mas vai contar na minha vida por longos anos tristes. Que a tua linda alma não me deixa um instante, dando-me de longe a coragem que necessito para levar ao fim uma missão por todos os motivos tão difícil e á qual não me recusei apenas por interesse do nosso futuro... da nossa felicidade já tão proxima... por amor de ti, querida!...

Depois entregando-lhe aquele pacote, lacrado com o largo sinete do ministerio, e sobre cujo envolvero se via o nome dele escrito pela sua propria mão, disse-lhe:—Guarda-me bem estes papéis que te confio. São um deposito sagrado do ministro. Representam um segredo tão melindroso que se fossem encontrados n'outras mãos podiam ser o desastre completo da sua vida... e quem sabe se da minha... n'estes tempos de tão graves perturbações. Quando voltar virei reclamar-t'os para os entregar ao homem superior que tão grande fé põe no meu caracter como grande é a confiança sem limites que eu tenho no teu. Adeus Rosinha... meu amor... adeus...

Rosa pegára no pacote e fôra religiosamente, cheia de comoção, dar-lhe por companhia as cartas adoradas do noivo, o seu evangelho de amor. Como as suas mãos tinham acariciado aqueles papéis antes de os encerrarem no esconderijo de segredo onde ninguém os iria perturbar—que agora depunha sobre a secretária de Miguel!...

—Papeis?... dissera este com indifferença, pegando no embrulho—não me recordo de ter... E sem interesse, maquinaalmente, quebrava o lacre e desfazia o pacote.

Mas, de repente o olhar até ali indifferente de ambos cruzou-se admirado:—Cartas!?...?

Eram dois maços, atados, de cartas, tendo cada um deles, no primeiro sobrescrito visível, um nome diferente e bem conhecido de ambos. Soltos, havia dois bilhetes abertos—certamente os ultimos metidos no pacote—que Miguel começou a lêr socegradamente sem nenhuma previsão do que podiam conter.

Mas á medida que os seus olhos percorriam as linhas primeiro de um bilhete, depois de outro, o rictus da sua boca, a comoção intensa que revelava a sua attitude, o olhar fulgurante e alucinado que a instantes fixou em Rosa, de tal modo a impressionaram que a pobre rapariga, sem saber o que fazia, numa ansia de dar consolo aqúelle sofrimento que não comprehendia, estendeu a mão para os papéis que Miguel acabára por deixar cair e pôde ler, por seu turno: era letra de Alberto e de Laura:

Adorada

Estou de acordo contigo quanto á não destruição das nossas cartas. Que emocionante romance de amor elas não davam impressas e publicadas!...

Como me ordenaste, procurei e encontrei um cofre-forte onde ficarão completamente ao abrigo de olhos indiscretos; as mãos piedosas da minha noiva.

Quando voltar irei reclamá-las.
Decerto trarão o perfume vivificante do rico dinheirinho do seu illustre pae.

Alberto.

Querido

Ah! te mando as cartas. Não calculas quanto me fez rir a tua idala. Uma verdadeira *trouvaille*! E' bom que os anjos sirvam de alguma coisa n'este baixo mundo. Vou pensar para que alta missão ha-de servir o santo do meu marido.

Laura.

Ninguém conheceu nunca o segredo do casamento d'aquelles dois entes cuja inconstancia de coração após uma tragedia tão emocionante servia de acepipe á má lingua, á inveja, á maldade, e que até pelas pessoas bem intencionadas fôra aceite com o ar contrafeito de quem procura esconder censuras que não quer formular.

Só elles sabiam como da desgraça poderosa, inenarravel de ambos, nascera o sentimento profundo, dominador, unico, que os prendera um ao outro na mais deliciosa e voluntaria escravidão.

MA RIA LÚCIA.



Bebam Agua de S. Marçal

TELEF. BELEM, 92

TELEF. C. 1566

O SERÃO DOS POETAS



A mesa que presidiu á interessante sessão, dedicada aos Poetas, com que a Academia das Sciencias inaugurou, no dia 27 do mez findo, os seus trabalhos do ano corrente

(Da esquerda para a direita: general Almeida Lima, dr. Antonio Luiz Gomes, dr. Julio Dantas, dr. Antonio José d'Almeida, dr. Pedro José da Cunha e general Cristovam Aires) (Cliché Salgado)

Travessia aerea do Atlantico Sul



Pastas em pergaminho, pintadas por Malthá, em que vão ser entregues, aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, as mensagens que acompanham os padrões-miniaturas, em mármore de Carrara e bronze, esculpidos por Francisco Santos e oferecidos, aos mesmos aviadores, pelas Cinco Vilas (Avelar, Chão do Cou-e, Possos, Maçãs de D. Maria e Pousa Flores), devido à patriótica iniciativa do sr. dr. Alberto Rego



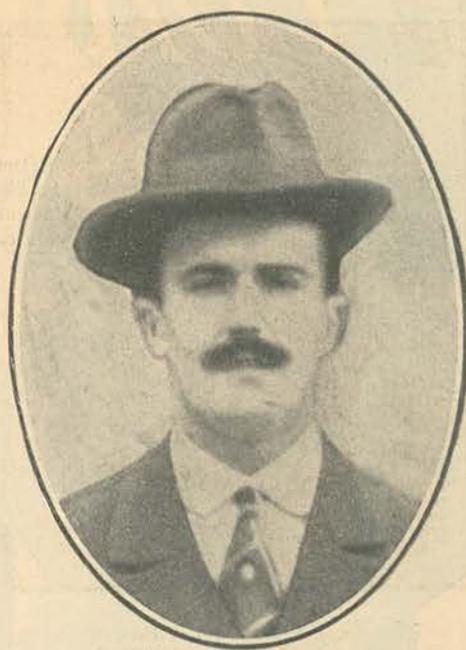
No palacete da legação da França real'sou-se, no dia 25 de Janeiro findo, a cerimonia da imposição a Gago Coutinho e Sacadura Cabral das insignias do grau de comendador da Legião de Honra, com que os agraciou o governo francês. A nossa gravura representa parte da assistência ao acto, vendo-se n'la, ao centro, o sr. ministro da França, que dá a direita a Gago Coutinho e a esquerda a Sacadura Cabral

Dos lados, os padrões-miniaturas a que nos referimos acima

DOIS NOVOS ACADEMICOS



RIBEIRO DE CARVALHO
*Poeta distincto e vigoroso jornalista político,
director da Republica*



DR. MAGALHÃES COLAÇO
*Ilustre lente da Faculdade de Direito e auctor
de diversos livros da especialidade*

Eleitos socios correspondentes da Academia das Sciencias, em sessão da mesma Academia de 25 de Janeiro findo

Festividade dos Santos Martires de Marrocos



Com grande solenidade e concorrência de feis realisou-se, nos dias 15 e 16 do mez findo, em Travassô (Aguada), a festa dos Santos Martires de Marrocos, a que a nossa gravura representa um interessante aspecto, o qual seja a Procissão dos Nús. Esta festividade é das mais importantes que se effectuam no respectivo districto

A Consação dum Grande Artista

Devendo realizar-se, depois de amanhã, a grande festa promovida pela Mocidade de Lisboa em honra de Angela Pinto, a propósito da grave doença de que se encontra convalescente, a *Ilustração Portuguesa*, associando-se com entusiasmo a essa manifestação, de todo o ponto justificada, sauda a



Angela Pinto na Feira do Diabo

Na Santa Inquisição

Em O Ladrão

Angela posando para a *Ilustração Portuguesa*, pouco tempo antes da sua grave doença

grande comediante e exprime os seus mais ardentes votos por vê-la restituida, definitivamente, á Arte que cultiva com tão entranhado amor, quanto inextinguível talento.



Caricatura de ALBERTO DA SOUSA



No Hamlet

No Rei Lear



Caricatura de AMARELHO

No papel de *Dei-a-gatos* da opereta em 1 acto, original de Tivo Martins, musica de Freitas Gasul, A bilha partida, representada uma unica vez (em 29 de Julho de 1897), no teatro d. Rua d. 5 Condes, em recit. o auctor. A artista que convalesceu com Angela é a sua colega Carmen Cardoso (Fotografia absolutamente inédita).

Arte e Artistas



D. Isaura Cavaleiro

A exposição de pintura do ilustre artista hespanhol sr. Vasquez Diaz, instalada no Salão da « Ilustração Portuguesa », teve a honra de ser visitada, no dia 23 de janeiro findo, pelo sr. Presidente da Republica. A nossa gravura representa o sr. dr. Antonio José d'Almeida, por ocasião d'essa visita, dando a direita á esposa do artista expositor e ao sr. Ribeiro de Carvalho, membro do Conselho de Administração de *O Seculo*, que lhe fez as honras da casa, e a esquerda ao sr. ministro dos Estrangeiros e ao sr. Vasquez Diaz



Um trecho da interessante exposição dos jovens artistas D. Isaura Cavaleiro e Roberto Nobre, inaugurada, no dia 22 do mez findo, nos salões da Fotografia Furtado & Reis

(Clichés Salgado).



Roberto Nobre

Inauguração do Pavilhão Portuguez de Honra na Exposição do Rio de Janeiro



GEN. SETEMBRINO DE CARVALHO
(Ministro da Guerra)

DR. MIGUEL CALMON
(Ministro da Agricultura)

DR. JOÃO LUIZ ALVES
(Ministro da Justiça)

DR. ALAOR PRATA SR. LISBOA DE LIMA
(Prefeito da Capital Federal)

EMBAIXADOR DE PORTUGAL

Uma parte da assistencia ao acto inaug. al posando para a illustração, no hall central do Pavilhão

O GRANDE JOSÉ



PINTOR MALHÕA

DEPOIS da *Proissão* e da *Volta da Romaria*, o drama rustico do *Emigrante* e o poema lirico da *Varanda dos Rouxinóis*.

Em todos eles, palpitantes de cõr e de vida, o sol amigo e doirado de Portugal, as veigas fartas, o céu alto e azul da nossa terra. No dia em que este artista extraordinario deixar de pintar, o sol não voltará a descer sobre montes e casais, a alegrar ermidas e aldeias, a fazer florir as giestas e as urzes, porque não terá quem o perpetúe com a mesma graça desenvolta e e mesma candida ternura.

Felizmente para Portugal e para nós, o artista não descança. Na sua alma sempre moça agita-se ainda hoje a febre dos vinte anos, e se o estudo e a experiencia, aliados ao talento, fizeram d'ele um mestre, fizeram d'ele tambem um eterno irsatisfeito, dominado pelo desejo de conseguir sempre mais e melhor, a ponto de, no momento em que conclue um quadro, sentir a ancia de recommecal-o.

Estivemos, ha dias, no seu *atelier* e dali saímos deslumbrados — de luz e de sonho, admirando cada vez mais a sua mocidade, a nobreza da sua arte, a formosura do seu espirito, o seu raro poder de emocão e essa gloriosa aspiração de criar, que só aos predestinados é dada, egualando-os á natureza.

Não queremos ser indiscretos e, por isso, não vamos falar dos seus novos quadros. Diremos apenas a nossa admiração perante as obras primas realisadas, de uma tão surpreendente beleza e de uma tão flagrante expressão, que não conhecemos nada que se lhes possa comparar na pintura portuguesa dos ultimos trinta anos.

De resto, Malhõa constitue, na frase feliz de Julio Dantas, uma gloriosa excepção na pintura portugueza, pois o seu ardente, o seu indesejavel lusitanismo — não apenas nos motivos, mas no sentimento e nos processos — conferiu-lhe um lugar áparte entre os mestres pintores do seu pais e do seu tempo.

Não é apenas a claridade perturbadora do melo dia que o impressiona, o grito luminoso do sol ou a idilica brandura da paisagem. Entre os novos quadros de Malhõa ha um que nos prende pela dôr que o enche, pela funda tristeza que nos transmite, mas tão verdadeiro, de um tão extremo realismo, de uma amargura tão humana, e ao mesmo tempo tão caracteristicamente português nos tipos e na paisagem, que decerto figurará entre os melhores do extraordinario artista.

Como no idilio campesino das *Cões* e na alvorçada alegria do *Zé Pereira*, o grande pintor mostra-se neste quadro de dois palmos o observador profundo, o interprete fiel da alma simples e amorosa do nosso povo, surpreendendo-nos pelo seu inequalavel naturalismo, a que se alia a mais nobre e mais candida alma de poeta que temos conhecido.

E se, em boa verdade, não trocaríamos um dos quadros que, ha dias, vimos no seu *atelier* por nenhum dos que conhecemos de Besnard, alegres ficariamos vendo est'outro no Museu de Arte Contemporanea, ao lado dos

melhores que all figuram, como affirmação do genio de um artista que não recela confrontos e que tão alt' tem elevado o nome da arte portugueza, que os seus trabalhos figuram nos grandes museus da Europa, sendo raros os que ficam entre nós, dada a ignorancia ou a indifferença das entidades officiais em tal assunto.

Um jornal informou ha dias que o illustre artista estava no proposito de abandonar a pintura.

Não é verdade. Malhõa não abandona a sua arte porque não quer e, principalmente, porque não pode. Ele é tão essencialmente artista, que o abandono dos seus pinceis seria para ele como que o abandono da propria vida. De resto, o grande pintor esteve a brincar com o *reporter*, que viu logo naquela affirmação uma noticia á *sensation*, que, felizmente, não se confirma.



O Mestre pintando ao ar livre

M. S.

Ha Muitos Anos...

3.º Congresso da União Postal Internacional



A sessão inaugural, realizada na sala do Supremo Tribunal de Justiça, faz amanhã 38 anos (em 4 de Fevereiro de 1885)



Aspecto da sala do banquete oferecido aos congressistas, nas salas do Ministério dos Negócios Estrangeiros
(Desenhos de R. Cristino — O Ocidente, 21-Fevereiro-1885.)

"Estrelas" e "Azes" do Cinema



A Paramount apresentou, no passado dia 25, em Paris, na Sala Marivaux, as películas:

«O traidor»: Este «film» foi adaptado duma obra de Filipe Oppenheim, mestre do romance misterioso. O adaptador Monte M. Ratterjohn e o «metteur-en-scène» George Melford conseguiram a realização duma magnífica obra cinematográfica.

«O traidor», interpretado superiormente por James Kirkwood, é um verdadeiro «film» Paramount. «Um rapaz precioso», «film» policial, de que é herói Charles Ray. Charles Ray é um «detective» tão divertido como perspicaz, que por uma série de combinações, de que ele tem o segredo, consegue esclarecer um miste-

Grace Darmond, a grande interprete americana, numa das suas ultimas e caçõas



André Lionel no film L'océan brisé da P.uth Consortium Cinéma



Uma das scenas da petite la A Flor do Mal, primeiro desempenho de Gabrielle Robine

titula Ammirante Manzini, a talentosa artista da Fert-Film, que ha pouco appareceu na película Três amores



Francesco Bertini na sua esplendida criação Marlon



Gabrielle Robine noutra scena em do film Flor do Mal, em que Alexandre tambem tem um magnifico trabalho

rio, batendo os seus colegas. A película, muito movimentada, apresenta fazes de grande interesse e curiosa originalidade.

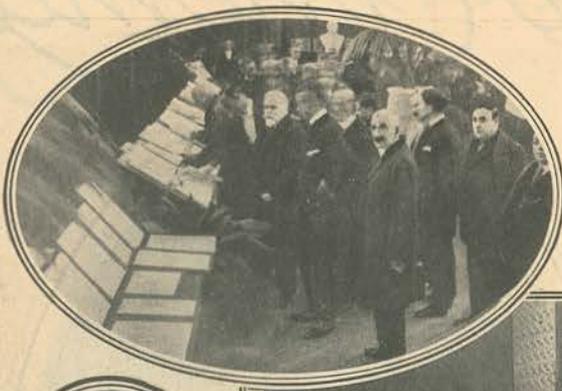
«A rede infernal», comedia de aventuras, interpretada por Wallace Reid e Lois Wilson, que agradou.

«Procurando um marido», uma alegre comedia em que a insinuante Bihé Burke tem ocasião de mostrar os seus recursos como boa actriz.

Duma maneira geral, diremos que todos estes «films» agradaram.

— Na Russia Sovietica foi, ha pouco, constituida a nova firma «Russ». Szanine, o celebre «metteur-en-scène» da Grande Opera de Moscou, é um dos principais elementos da nova empresa.

FIGURAS & FACTOS



O sr. Presidente da República assistindo à exposição de trabalhos dos alunos do Instituto Superior d'Agronomia, por ocasião da abertura do ano lectivo no mesmo estabelecimento de ensino, no dia 28 do mez findo



Alguns dos pobres contemplados e sr na distribuição de mil donativos de 5000, efectuado, no ultimo domingo, pela Caixa de Beneficencia de O Seculo, no edificio da mesma joia



Tenor Julio de Mascarenhas

Recentemente regresso d'uma brilhante tournée á America que, segundo consta, se encontra em negociações para cantar em S. Carlos na actual época lirica.

Um aspecto da assistência ao almoço de homenagem aos actores Rafael Marques e Clemente Pinto realizado no dia 28 de janeiro, no Restaurant Garrett, por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores dos dois distintos artistas.
Na oval: CAPIÃO-TENENTE SERRÃO MACHADO, falecido, no dia 25 de janeiro, no Hospital da Marinha, onde se achava internado como implicado nos acontecimentos de 19 de outubro.

Comemorando o 4.º aniversário da revolta monarchica de Mor-santo, realisou-se, no dia 24 do mez findo, promovida pelo Centro Republicano de Campo de Ourique, uma romagem ao forte e ao local onde caiu morto, n'essa data, o tenente Martins. A nossa gravura representa um aspecto da manifestação.



Grupo de meninas surdas-mudas do Instituto de surdos-mudos Jacob Rodrigues Pereira, que, na sede do mesmo Instituto, acabam de realizar uma exposição de labores, de toda a ponta interessante



Dr. Rodrigues Davino

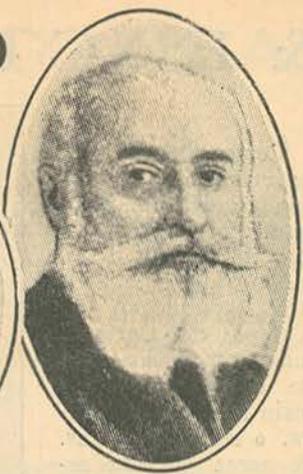
Poeta distincto e Presidente do Instituto Arqueologico do Algarve, recentemente falecido em Faro



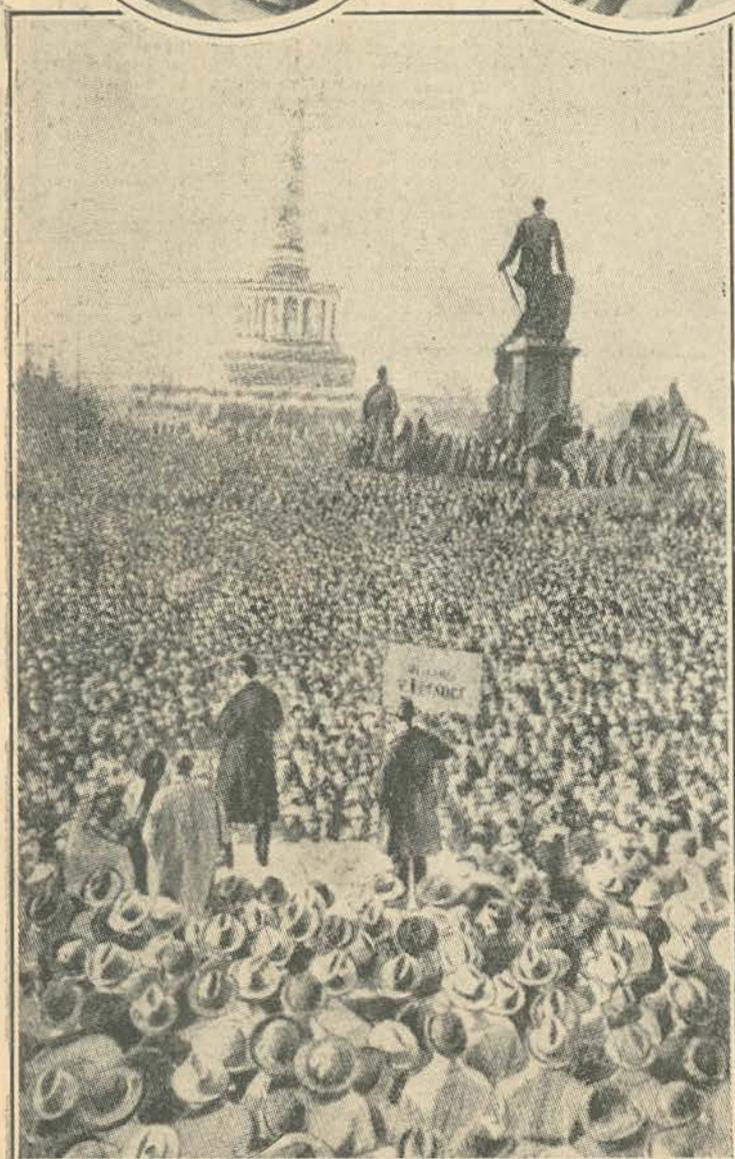
Um aspecto da exposição de labores das alunas do Instituto de Surdos-Mudos Jacob Rodrigues Pereira

(Clichés Salgado).

O EXTRANGEIRO EM FOCO



MAX NORDAU — O eminente filósofo e escritor, recentemente falecido em Paris. Nos medalhões: GENERAL WEYGAND — Alto comissário francês do Ruhr. GENERAL SIMON — Comandante de Dusseldorf



O DUQUE DE YORK, filho segundo dos soberanos de Inglaterra, e a sua noiva, lady Elisabeth Bowra-Lyon, filha mais nova dos condes de Strathmore e Kinghorne



O ASSASSINIO DO SECRETARIO DOS "CAMELOTS DU ROI" — Marris Plateau, a vítima — Germaine Berton, a assassina

OS PROTESTOS NA ALEMANHA, CONTRA A OCUPAÇÃO DO RUHR

O barão von Lersner proferindo um discurso num comício, em Berlim, a que assistiram 500.000 manifestantes



“PARIS,, E “POR QUE SIM,,

UMA noite d'estas, á saída da *Brasileira*, onde, graças a uma subscrição, pudemos tomar a chavena de café habitual, fomos surpreendidos por um amigo, que nos perguntou:

—Queres ir a Paris?

Julgámos que tinha endoidecido.

—Seria optimo, respondemos, mas com este camblo! Só a viagem...

—Efectivamente, as passagens nos electricos são caríssimas. Mas vamos a pé.

Resolvemos não o contrariar e acompanhámo-lo, curiosos e condoidos, até o teatro Avenida, onde parou e nos apontou para um cartaz. Lá estava a explicação do enigma. Paris, na boca do nosso amigo, não era a capital da França; era uma peça teatral, dum senhor italiano chamado Adam, representada pela companhia Cremilda de Oliveira e Chaby Pinheiro.

Entrámos e d'ahi a momentos apparecia-nos no palco a D. Conceição—agora na Italia, segundo Mario Duarte, as damas de meia tigela usam *dom*—e sua filha, a joven Isa, uma cabecinha no ar, que se entregou de corpo e alma ao musico Varandl, pessoa com a estranha teoria de que os casamentos á porta do açougue são muito mais dignos e morais do que os que as leis sancionam. Ora, esse Varandl, lá porque inventou meia dúzia de arias de assobio com acompanhamento de berimbau, imagina que é Alves Coelho, e, receando o oleo de ricino dos *fascistas*, resolve transportar o talento para Paris.

—Leva-me contigo, diz a Isinha.

—Não, apariga, responde o Varandl, por intermedio do Rajanti, isto é, com um vozeirão alentejano de meter medo.

—A minha filha não sai d'aquél, reforça a D. Conceição.

N'isto a joven desata num choro desesperado e o homem da solfa resistiu tanto como nós resistiríamos se a Cremilda nos pedisse fosse o que fosse.

—Não chores, que também vais, declara o Varandl. Desespero da D. Conceição, impassibilidade de Victor Manoel, oleografado ao fundo, e natural desejo no publico, de ver o Chaby, porque é ele quem o leva ao Avenida sem desprimor para os seus colegas.

Els, finalmente, o Chaby, mas o gaudío pela sua aparição dura pouco. Chaby é *Lenard*, isto é, um patifão de tal ordem, que até parece impossivel como o governo francès, tão parco em condecorações para com os seus nacionaes, o agraciasse com a Legião de Honra: ele só acolhe e paga bema *maestros* reles, autores de musicas facilmente popularisaveis, como um tal Maupérin, que anda sempre de cara suja supondo que está bem caracterisado: ele obedece aos argentarios; ele abusa com as mulheres, da sua posição de empresario; ele, finalmente, engana o pobre Varandl, mandando-lhe cantar a opera do berimbau e assobio, apenas com o fim de lhe conquistar a cabeça d'alhos da Isa!

E é que quasi conquista. A pobre Italianasita já seriamente perturbada pelo perfume dos vestidos e mais partes aromaticas da Flosa, em casa de quem se hospedou, não pode deixar de se comover com as palavras de Lenard, que lhe encontra muita *charme*—mudando o genero á palavra, com a força do entusiasmo, e reforçando-a com a tradução em portuguez—e lhe mostra duma janela a *maré que sobe*, isto é, as ondas alterosas do Sena, invadindo o cais. Depois, a opera de Varandl cal, o Varandl descompõe-na, o Varandl não pode sustenta-la e

o Lenard, diabolicamente, dá-lhe um chapéu de penas incomensuraveis, umas arrecadas que fazem sensação na platcia, a ponto dum espectador comentar que debaixo daquellas arrecadas se passava a noite bem, e por fim oferece-lhe uma ceia! Não! Isa não pode resistir mais.

—Aqui me tem, diz ela a Lenard.

—A tua boca... balbucia o malandrim!

Mas, ó diabo que tal disseste!

—Não! oh! não! exclama a Isa.

E ahí está. O Lenard perde o pouco entusiasmo que se tem na sua idade, o Varandl conhece, finalmente, que é o *Grande Elias* do nosso saudoso Garrido e a Isa sente-se mãe do dito Varandl. Prometem ter ambos muito juizinho de futuro, resolvem ir viver para uma *aldeola deshabitada*, provavelmente para alguma das que foram arrasadas pelos alemães, e com isto desce o pano, com aplausos á Cremilda, Chaby e Rajanti. Jesuina não os recebe, porque a D. Conceição recolhe definitivamente a bastidores, no fim de 1.º acto.

Quanto ao Politeama, as coisas devem ter-se passado assim: tencionando estrear-se no teatro a menina Amélia Bastos, filha da illustre actriz Palmira Bastos, e gosando os manos Quinteros da fama de comedidos e candidos em suas obras, encomendou-se-lhes uma, em harmonia com a dita estrela. Os manos foram buscar ao armario duas terças partes d'uma comedia, a *Pasionera*, a insigne poetisa D. Branca de Gonta Colaco traduziu-a á pressa, aproximando-a o mais possivel do espanhol, com varias barbaridades, *bemlita seja a tua mãe, está falado*, etc., e de tudo isto resultou o *Porque sim*, a respeito do qual, no tocante a candidez e a comedimento, temos conversado as estopinhas.

Ha na peça, efectivamente, duas pessoas dignas: um homem que é padrinho de toda a gente, especie de rei da Maduraza, lá de Sevilha, sempre a falar em verso, e a sr.ª Natividade, mãe da joven Maria da Paixão. As outras são: a dita joven, amasia do tunante do Alberto; a Africa, a quem o Alberto mimoseou com um filho, não se podendo dizer que por isso tivesse metido uma lança em Africa; a criada Joana, danada por homens e atacada de urticaria, a julgar pela frequencia em que a Ofelia Brochado coça os quadris; o tal maridão do Alberto; e, finalmente, um galucho lórpa, que anda de gorra com a Joana e que imagina que é um orango-tango, segundo a interpretação do actor Gil Ferreira.

No entanto, a encomenda estava feita, e como não havia outra peça á mão, a Ameliasinha fez o possivel para espiritualisar a Maria da Paixão, porque não parecia bem fingir o amor sensual, e conseguiu-o. Depois, representado o fragmento da *Pasionera*, juntou-se-lhe o episodio de Julio Dantas, *Rosas de todo o ano*, imaginando muitos dos espectadores que era o 3.º acto da peça dos Quinteros, e todos ficaram inteiramente satisfeitos, admirado-se sómente alguns de que a freira no ultimo acto fosse a sr.ª Natividade dos dois primeiros, e que a Ameliasinha se tivesse transformado em secia. Mas ninguém se atreveu a manifestar essa admiração em voz alta, com recato de ser tido por ignorante, e o espectáculo terminou a contento geral, entre risos e lagrimas da estreade e de sua mãe, agora irmãs na arte, e tão parecidas uma com a outra como um lindo dia de outono se parece com um lindo dia de primavera.

MARIO COSTA.



PORTUGUESE MACHINERY CORPORATION LTD.

A PORTUGUESE MACHINERY CORPORATION LTD., firma que de ha muito se dedica ao comercio de importação de maquinismos e materias metalicas, acaba de instalar-se numa bonita e ampla casa na AVENIDA DA LIBERDADE, 61 A 65.

A nossa grande Avenida, que futuramente será o centro comercial mais intensivo, tem portanto assim mais um estabelecimento que tomando-o nós como modelar, merece registo na «Ilustração Portuguesa»

A PORTUGUESE MACHINERY CORPORATION LTD. que é uma firma subsidiaria da PORTUGUESE TRADE CORPORATION LTD., outra importante firma, do nosso mercado, podem ambas felicitem-se do novo empreendimento.

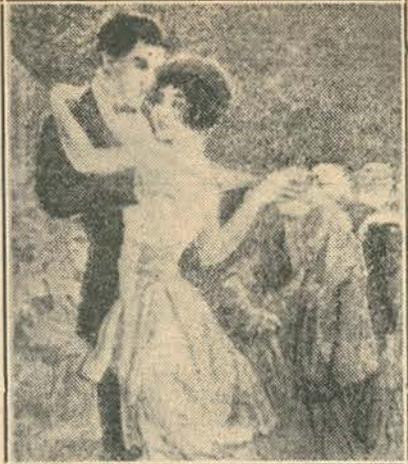
novo salão de maquinas industriaes agricolas e colonias, é gerido superiormente por dois engenheiros conhecidos já bastante no meio industrial, e são eles os Srs. José Antonio de Melo e Andresen da Costa, que são auxiliados pelo tecnico pratico, o sr. Francisco de

Almeida Coelho, homem bastante conhecido em todo o paiz.

Tem portanto a nova casa de maquinas todas as condições para um largo desenvolvimento, e pena é que o actual momento, em que a desvalorisação da nossa moeda, faça com que tudo quanto temos que importar nos custe extremamente caro, seja essa circumstancia motivo, para que a nova casa, não tenha o movimento relativo á sua importancia.

Animados, porém, os gerentes da PORTUGUESE MACHINERY CORPORATION, LTD. e esperançados como homens novos que são, de que a forma de comerciar que vão estabelecer na nova casa, pondo de parte a ideia dos grandes lucros, para os limitarem aos rasoa-veis, será isso motivo para a sua actual e futura clientela, darem preferencia á sua casa: fica assim até certo ponto compensada, a dificuldade cambial n'este momento.

A «Ilustração Portuguesa» regista nas suas paginas a abertura da nova e importante casa de maquinas, e felicita os seus gerentes e directores-



SEARA ALHEIA



ELE (*mal educado*) — V. Ex.^a sempre traz hoje uma quantidade de carmin nos labios!

ELA (*ingenua*) — E' que ainda não chegou o meu namorado, para m'o tirar...

(De Princeton Tiger, Chicago.)

— Então o que vem a ser o noivo da tua irmã?

— Não sei...

— Não sabes o que ele faz?!

— Ah! Isso sei... Dá-lhe beijos...

(De Bueno Humor, Madrid.)



— Tenho o praser de lhe comunicar, meu caro professor, que os meus quatro doentes estão livres de perigo!...

— Oh! diabo! Cautela! E' preciso trata-los com mais atenção...

(De L'Intransigeant, Paris.)



O cumulo da delicadeza

O CONDENADO — Fazem favor... V. Ex.^a primeiro...

(De Bueno Humor, Madrid.)



— Sente, minha querida, como o meu coração bate?

— Sinto, mas julguei que era o relógio...

(De L'Intransigeant, Paris.)



O dentista — O sr. é solteiro.

O paciente — Sou. Como é que conheceu?

O dentista — E' que tem a dentadura completa...

(De Nuevo Mundo, Madrid.)



— Estava cheio de dívidas!

— Cala-te! Foi ajustar contas com Deus, coltado!...

— Pois é a primeira vez que se ajusta com alguém...

(De Numero, Turim.)



— Venho aqui para que você me tire um dente...

— Está muito bem; mas faça favor de deixar a badine no bengaleiro.

(De Nuevo Mundo, Madrid.)

Página Elegante



A PESAR do frio intenso que nos persegue ainda, o inverno va e caminhando lentamente para o portal florido por onde a primavera entrará risonha e fragrante. Entretanto, não será tão cedo que nos despediremos dos confortáveis «fourrures» que tão apreciáveis serviços nos prestam sob o ponto de vista do conforto e que tanto contribuem para marcar na nossa «toilette» uma nota de sumptuosidade e elegancia.

Oh! as peles favorecem-nos muito para que possamos abandona-las prontamente, aos primeiros raios do sol tepido, sem uma saudade, sem um remorso...

Depois, todas as senhoras teem sempre uns pedaços de peles que lhes sobram de qualquer agasalho, um ou outro abafos que o uso tornou incapaz de comparêcer na primeira linha das elegancias irreprensiveis, mas que, bem aproveitados, podem ainda fi-



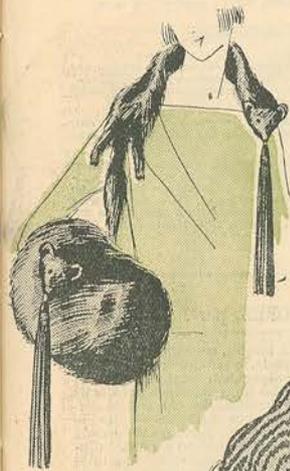
gurar ao lado de modelos recentes. Posto está que saibamos aproveitar esses preciosos elementos de elegancia, tirar deles o maximo partido.

Ora aqui teem as leitoras, nesta pagina exclusivamente consagrada à sua «coquetterie», varios

modelos favoraveis ao aproveitamento e transformação de peles «fanées»: um cinto e um regalo em que se aliam graciosamente duas peles diferentes e fartas borlas de seda no tom da pele; um corpo sem mangas para rapida transformação de vestido e regalo condizente, em «Zenana» e pele de singe; uma gola e regalo em pele marta ou castor com cabeças a segurarem borlas de fitilho de seda; uma guarnição de vestido feita com varias ordens de galão de seda presos no decote com uma barra de pele, na cintura com um cinto metalico e na orla com outra barra de pele, ideia linda para tornar uma «toilette» irreconhecivel; e ainda uma «echarpe» e regalo compostos com duas qualidades de pele, um outro regalo tambem feito com tiras de peles diferentes, etc....

Pode-se conseguir tão lindas cousas com retalhos de peles...

A questão é que o bom gosto e o engenho inspirem a orientação do trabalho. De resto, desde que esses dois factores auxiliem a mulher no seu intento de aproveitamento, a confecção de abafos de peles não é da que mais dificuldades oferece, dado que unindo-se os «pedaços» de peles de maneira a trocar o fio do pelo, pode-se conseguir com pe-



quenos fragmentos efeitos surpreendentes, quando empregados com ordem perfeita e semetria.

Não deiteis fóra as peles usadas, senhoras, porque sempre lhes encontrareis maneira de se aproveitarem, senão no todo pelo menos em parte..



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A' BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

POEMA AZUL, por Lucy Horta

Outra poetisa influenciada pela leitura de Virginia Vitorino chama-se Lucy Horta. Mas, incomparavelmente inferior a Flórbela Espanca, precisa de se familiarisar com um compendio de metrificação e de ler e de meditar a cronica de Julio Dantas intitulada «Como se faz um soneto» e inserta na *Arte de amar*, o mais recente volume do Insigne escritor. No *Poema azul*, alem da frequente sugestão de leituras, quanto aos temas, abundam os versos errados ou frouxos e bem assim é desoladora a pobreza das rimas. Parece-nos haver demasiada pressa em imprimir composições que não deveriam transpor os domínios domesticos antes de severamente seleccionadas e sujeitas a cuidadosos retoques. Lucy Horta, como tan-



Lucy-Horta

tas outras e tantos outros, fludiu-se, fludiram-na as excessivas lisonjas e os condenáveis incitamentos de alguns amigos dos demonios.

HORAS DISTANTES, por Jaime de Mascarenhas

As considerações que fazemos ácerca do livrinho *Poema azul*, com sobrada razão devem applicar-se ás *Horas distantes*. No dia em que o sr. Jaime de Mascarenhas, que é, por certo, muito joven, tiver lido os bons poetas e penetrado a musica dos versos que não se eximam ás harmoniosas mas inflexíveis leis da métrica, nesse dia convencer-se-ha de que claudicou nas paginas deste livrinho tão cheio de nobres sentimentos, mas tão pobre de arte e poesia. Faltou em crer que o autor não teve quem lhe aconselhasse a conveniencia de guardar na gaveta, consoante o preceito antigo, as locuções do seu espirito, para as expor á critica só no dia em que podessem resistir aos reparos da mais benevolente. Se houve quem lhe desse o conselho e o desprezou, fez mal; os raros versos aceitáveis que por ventura traga nas *Horas distantes* perdem-se no meio dos que conviria corrigir profundamente ou deltar fóra. Mas não desanime e estude, se sente em si a centelha que ainda não se vislumbra.



Jaime de Mascarenhas

A. J. J.—(*Civitas Virginitis*)—O que o sr. A. J. J. escreveu não é soneto, nem versos, nem nada. Desculpe a franqueza.
ALVOR.—Aproveitam-se 4 quadras. O 2.º verso da 2.ª quadra tem uma sílaba a mais; a 4.ª quadra é de mau gosto.
S. MARTINS.—Chegou quasi á craveira: teve 8 valores o seu verso.

Eu vejo dimanar d'elles a luz

ficaria melhar assim

Eu vejo d'elles dimanar a luz

Queremos dizer com isto que se, em arte, o pensamento é muito, a forma tambem não é pouco.

ZEFIRO.—Calma é galicismo. Na 3.ª quadra, no verso

E que eu fico sempre mudo

o «sempre» é uma cunha, mal disfarçada. O brando, do 2.º verso da 4.ª quadra é rima forçadíssima, para roubaudo. O pensamento da 2.ª quadra é formoso, mas o modo como é expresso é infeliz. É pronto.

D. JOÃO DE L.—Com a maxima franqueza? Então lá vai: as cores da sua Aninhas merecem versos melhores. Os seus são pessimos.

GUILHERME MARTINS.—(Setubal).—Quanto á publicação dos hinos dos diversos paizes (musica e letra) já tentavamos fazê-lo, devendo essa publicação ser iniciada em um dos proximos numeros da *Ilustração*. Pelo que respeita a seus restantes alvitas, tomamos nota d'elles com a impressão de que, pelo menos alguns, são interessantes. Portanto, muito agradecidos.

POETAS E PROSADORES, por Julio Brandão

Poeta e prosador de alto merito, com uma importante obra justamente estimada, e em que as qualidades do lirico e do novelista esplendem originaes fulgurações, Julio Brandão é, tambem hoje um dos nossos mais conscienciosos e argutos criticos. Nas columnas de *Primeiro de Janeiro* veem a lume os comentarios de que elle acompanha a produção litteraria portugueza e cada uma das suas cronicas patetela não só a vasta cultura como tambem o admiravel bom senso e o requintado bom gosto que lhe permitem formular os mais seguros juizos sobre os trabalhos que passam pela fleira da sua sua escrupulosa analise. Resolveu Julio Brandão —louvores se lhe rendam por isso—coleccionar e temos presente a primeira serie, em limpa e elegante edição da livreria editora Cruz, que assim acaba de prestar um novo serviço á litteratura patria. *Poetas e Prosadores*, que tem o substituo de «A margem dos livros», é dedicado a Jorge de Abreu, o illustre jornalista que dirige com tamanha proficiencia o *Primeiro de Janeiro*, e que ao grande jornal do norte imprimiu uma feição moderna, decerto muito grata aos cultores das letras.

A. de A.

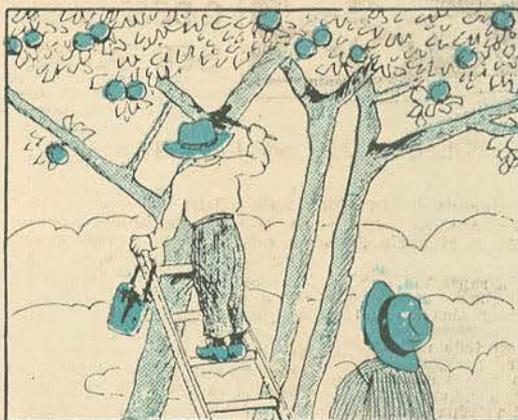


PAGINA INFANTIL

Ladrão castigado



1-VÊS ?! VEM UM GAROTO AS NOSSAS MAÇÃS !...



2-ORA VAMOS VÊR SE O APANHAMOS.



3-ANTES DE IR PARA A ESCOLA ROUBAM-SE UMAS MAÇABINHAS.



4- SERÁ ALGUM D'ESTES ?



5- LÁ VAE O LADRÃO DAS NOSSAS MAÇÃS !



6- E LÁ VAE O CASTIGO !

ESFINGIA



Dedicações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: Celeste.
Charadas em verso: Atrocidade—Respeito.
Charadas em frase: Regato—Canôa—Expansão.
Enigma pitoresco: Sobremaneira.
Logogrifo: Flores da morte.

CHARADAS EM VERSO

Hoje ao descer a escada
Da minha pobre choupana,
Andava a rapaziada,
Fazendo guerra danada,
Com espingardas de cana!

Atravessê todo ufano
Pela zona perigosa
Sem ao menos sofrer dano
No duro combate insano
D'aquella tropa manhosa!

P'ra descrever o que vi,
Apoucada é minha rima...
E de tanto que me ri,
Com a força descoi,
As pobres calças, em cima!—1

Assim como o vestuario,—2
Esperet pelo final
De todo aquele fadario!
Até que, em passo ordinario,
Se ajuntou o arraial!

O comando um brado ferra
Corrigindo o desalinho...
E tudo marchou na berra,
Cantando n'um tom de guerra:
—Dá cuspo no cordelinho!

Senti profunda tristeza,
Talvez da saudade filha...
Quem me dera, que beleza,
Nos tempos, que, com espezteza,
Usava fraca armadilha!

Marcelo Monfort

Gosto imenso de fritada,—1
Tanto, tanto que lhe trinco,
Uma parte que, não brinco,
Lhe fica sem valer nada.

Mas, querendo com presteza,
Encontrar sem mais demora,
Vae por esse campo fora,
Que deves vêr, com certeza—2

E' flagelo bem vulgar
Que se sente;
E contente,
De quem o não aturari!...

Leiria

Florido

Vinha ao longe, mas já via—1
Na textura dos metaes—1
Uma coisa que par'ca,
O suco dos vegetaes.

Limario

N'um jardim, em noite escura,
Quiz n'um banco descansar,
Banco de pedra mui dura,
Para aquem de Ribamar.—1

Eis que vejo á minha frente,
Muito alegre e prazenteiro—1
Um tipo que, certamente,
Devia ser um banqueiro.

Emquanto ele revolvia,
Perfida e grossa massinha—1
A miseria se estorcia,
Sem dinheiro p'ra farinha.

Duque de Iolvarvalhorna

*

[Dedicada ao colega Josolico]

Já vi cento e um romanos—1
A fazer e modelar—1
Um trabalho interessante
Com areia de moldar.

Jogovi

*

[Aos colegas e amigos do Quinteto Azul]

Um velhote emquanto lia—2
(Tomem nota com cuidado)—1
Derramou tinta no livro,
Que ficou logo manchado.

Dois Uricos

*

CHARADAS EM FRASE

Lembre-se na viagem, da canção que
ouviu no dia da partida.—1-3.

Trijo

Com uma circumferencia que eu tenho,
fiz um ornamento d'uma casa.—2-1.

Seifor

[Ao colega «Do 14»]

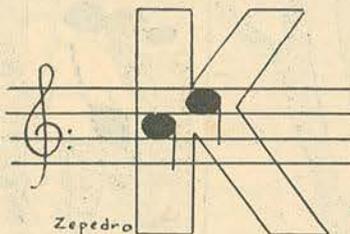
Além de ser mau, é anormal.—2-5.

Porto

Octrema

*

ENIGMA PITORESCO



*

QUADRO DE HONRA

Marco Lino—Marcelo Monfort—Pam—C. Illel—Do 14—Domínio Azul—Os tres Invençíveis—Olmitsoga—Club do Silencio—Mãe & Filha—Adira—gram—roxtroter—A. Gaspar—Dó sustenido—Trio Musical Charadístico—Alvaro B. Santos—Aida Gomes—Dr. Mostarda—Josolico—Um principiante—Varco Reia—Santa Ana—Um Braguense—Dr. Saioi—Zé Pires—Lus & Tia—Valverde Junior.

Campeões decifradores do penultimo numero.

LOGOGRIFO

[Dedicado ao charadista, cujo pseudonimo é a decifração, e feito sobre os ultimos e mimosos versos «Na Feira», de F. R. Sousa]

Na feira, a multidão entusiasmada,
Agita-se, fremente,
Ouvindo, alegre, a doida gargalhada
D'um bóbo inconsciente.

Ouve-se, ao longe, o som dos realejos
Em notas infernaes;—6-7-3.
Cruzam-se olhar's mais falsos do que os
beijos.

Das velhas saturnaes.

Actrizes semi-nuas, enfesadas,
Chamando a multidão,
Mostram, a rir, as bocas desdentadas
E tintas de zarcão.

Esforçam-se, a gritar, os arlequins,
A' luz dos lampões;

Guincham, n'um hino, os velhos corne-
tins

Dos pobres histriões.

Fingindo uma alegria que não tem,
Passeia o povo ali,

E n'esse pandemonico vae vem.—1-9-6
8-5.

Olhae, como sorri...

Todos lá vão—ou ricos ou esfalmados—
7-3-P-2-4-5.

Para afogarem dores...
Fazem-lhes bem os sons desafinados
De bombos e tambores...

E, vendo a onda imensa, desconforme,
Da grande multidão,
Eu adivinho uma tragedia enorme
Em cada coração...

Tia Aldina

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Ilustração Portuguesa* as decifrações das produções inseridas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

Correspondencia da Esfingia

Sphinx's Club—Recibi uma carta com um pitoresco a premio, que não posso nem devo publicar, sem que tenha em meu poder o objeto que V. Ex.^{ta} desejava ofertar, não porque duvide de V. Ex.^{ta}, mas sim por uma questão de principios com que não estou disposto a transigir... Vou citar dois exemplos: De uma vez, no jornal *Economia*, appareceu-me uma charada a premio, mas o objeto que o seu autor oferecia—uma obra litteraria—não acompanhava a produção. Requisitei o brinde, não fosse algum almanaque de S. Cipriano ou Bordá d'Agua... quando recebi coisa peor do que isso: Um relatório de uma Associação de Socorros Mutuos!... Desnecessario será dizer que não publiquei a charada.

De outra vez, foi-me enviado um enigma de difficil decifração, acompanhado de um premio tentador: Um lindo alfinete de manta, com uma pedra cara, circundada de diamantes, e que ninguem o decifrou! Pois, quemem V. Ex.^{ta} saber o que eu fiz? Devolvi ao offerente o lindo e rico alfinete de manta! Como já disse, não é porque duvide de V. Ex.^{ta} mas... é uma questão de principios...